

AS ESPANHAS LUSITANAS DE ELÍAS DE TEJADA

Por RICARDO DIP*

«[Portugal] *es un hermano: que no por vivir en un cuarto distinto dentro de la misma casa, deja ser humano o tener nuestra misma sangre*» (José María PEMÁN)¹.

1. A Lusitanidade

O mundo que o português criou –este mundo que, ao lado da Terra matriz de Portugal, inclui o Brasil, a África e a Índia lusitanas, a Madeira, os Açores e Cabo Verde², foi o de uma *civilização integrativa*³ gestada continuamente pela conjunção da monarquia com o espírito missionário⁴ que fez das conquistas territoriais a ocasião de evangelizar; dos governos, a de educar na Fé; da administração, a do respeito às liberdades; dos domínios, a de expandir a Cristandade⁵.

É singular este ânimo de civilização que empolgou os portugueses: Gladstone Chaves de Melo, abonando o entendimento de Jorge Dias (este, nos *Ensaios etnológicos*), disse muito bem que o etnocentrismo lusíada tem a peculiaridade de

* Tribunal de Justiça de São Paulo.

1. José María PEMÁN, *La historia de España contada con sencillez*, Madrid, Escelicer, s.d., p. 14.

2. Cfr. Gilberto FREYRE, *O mundo que o português criou*, São Paulo, É Realizações, 2010, p. 45.

3. Gilberto FREYRE, *O luso e o trópico*, São Paulo, É Realizações, 2010, pp. 293 *et seqq.*

4. Ramiro DE MAEZTU usa a expressão «monarquía misionera» para referir a «monarquía católica» do império espanhol (*Defensa de la hispanidad*, Buenos Aires, Thau-Cruzamante, 1986, p. 29).

5. *Vidē, brevitatis causa*, Vicente SIERRA, *El sentido misional de la conquista de América*, Buenos Aires, Orientación Española, 1942, *passim*, e Alberto CATURELLI, *El nuevo mundo*, México, Edamex, 1991, *passim*.

Portugal *afirmar-se pelo amor fraterno*, com a recepção amável dos estrangeiros⁶, e isto pôde sintetizá-lo a sabedoria popular: «*Deus fez o homem, e o português, o mulato*». E bem o sumariam estes versos de Arlindo Veiga dos Santos:

«O certificado santo do Batismo
que me centrou em Cristo
me marcou sobre a terra
para o universalismo da vocação cristã...
[...] Não sou daqui ou dali;
sou de todos:
do Brasil, de Portugal,
de Moçambique, atalaia
da empresa oriental;
de Angola, Timor, Guiné,
Diu, Goa, Macau, Açores,
da ideal “Ilha dos Amores”,
Cabo-Verde e as ilhas suaves
onde pulsa Funchal,
do Príncipe e São Tomé»⁷.

2. A Hispanidade

Este universalismo vocacional, missioneiro, vale dizer a devoção civilizadora da monarquia lusitana não fez aparecer, *ex nihilo*, os vários *Portugais de mar afora*, mas antes, fez saltar à vista que o *mundo que o português* criou de algum modo já existia e com força geradora, isto *antes*, muito antes desta criação⁸. É que, em palavras de André de Resende, com o endosso de Carolina Michaëlis de Vasconcelos e o expresso apoio de Ramiro de Maeztu, os portugueses e o mundo que eles criaram eram frutos da cosmovisão hispânica: *hispani*, «*hispani omnes sumus*»⁹.

6. Gladstone CHAVES DE MELO, *Origem, formação e aspectos da cultura brasileira*, Rio de Janeiro, Padrão, 1994, p. 92 *et sqq.*

7. Arlindo VEIGA DOS SANTOS, Poema «Minha Nação e Império», in *Sentimentos da Fé e do Império*, São Paulo, Pátria-Nova, s.d., p. 11.

8. «Lo que define a los pueblos, la fé, la lengua, el sentido de la existencia, la gama de factores vitales que señalan una sociedad humana, nos los labraron ni Pedro I ni Bolívar, Existían antes de ellos y a ellos sobrevivieron» (Francisco ELÍAS DE TEJADA, *Arlindo Veiga dos Santos desde el tradicionalismo castellano*, separata da *Revista da Universidade Católica de São Paulo*, vol. XVI, fascículo n. 28 (1958), p. 5).

9. Ramiro DE MAEZTU, *Defensa de la hispanidad*, cit., p. 19.

A *Hispanidade* –ao compreender em seu conceito os particularismos dos povos que integram esta «unidade de civilização peninsular», unidade cujos pilares repousam no respeito às autonomias sociais, na monarquia política¹⁰ e em ter por seu avesso os avessos da Fé cristã e católica¹¹– bem exprime o «pluralismo interior» que se congrega, porém, na unidade superior da ideia de *civilizar para Cristo* –ou seja, a sólida afirmação do objetivo de *omnia instaurare in Christo*, sob a condução da melhor das formas de governo, a monarquia.

Assim, e em que pese às objeções e reticências de José Antonio Maravall¹², não é apenas por uma licença literária que parece bem usar-se o termo plural «*Espanhas*», para, correspondendo ao conceito de «Hispanidade», expressar a realidade histórico-social de um conjunto de povos que, vivendo em diversos territórios, têm um peculiar *modo análogo* de ser, modo análogo que se pode resumir –na dicção de Bernardo Monsegú– em tudo procurar ver, e julgar, e realizar *sub specie aeternitatis*¹³, ou mais particularmente: *sub specie christianitatis*.

3. A tradição das Espanhas

Já o bem deixara dito a epopeia camoniana, ao falar das «[...] memórias gloriosas / Daqueles Reis, que foram dilatando / A Fé, o Império, e as terras viciosas / De África e de Ásia [...]»¹⁴.

São estes dois fatores, a saber

(i) a cosmovisão católica da vida na cidade –com seu peculiar sentido missionário (que menos não podia ser do que universalista, diante do escopo de *omnia instaurare in Christo*)– e

(ii) o caráter federativo da monarquia hispânica

Os pontos principais que recolheu e em que se firmou Francisco Elías de Tejada

10. Para uma sucinta, mas muito precisa caracterização da monarquia portuguesa, cfr. José Pedro GALVÃO DE SOUSA, *História do direito político brasileiro*, 2ª ed., São Paulo, Saraiva, 1962, p. 3 *et sqq.*

11. A este propósito, disse António SARDINHA que «portugueses y castellanos hicieron siempre enemigos suyos a los tradicionales enemigos de la fe cristiana» (*La alianza peninsular*; tradução castelhana, Segovia, Adelantados, 1939, p. 17; ver, ainda, quanto ao termo «unidade de civilização peninsular», p. 49; também José PEQUITO REBELLO valeu-se desta ideia em *Espanha e Portugal: Unidade e dualidade peninsular*; Lisboa, Ottosgráfica, 1939).

12. José Antonio MARAVALL, *El concepto de España en la edad media*, 2ª ed., Madrid, Instituto de Estudios Políticos, 1964, p. 62 *et sqq.*

13. Bernardo MONSEGÚ, *El Occidente y la Hispanidad*, Madrid, El Pasionario, 1989, p. 96.

14. Luís Vaz DE CAMÕES, *Os Lusíadas*, Canto I, estância n. 2.

para nutrir o mais sólido dos estudos acerca da tradição política das Espanhas¹⁵, sobreviva na admirável e plurisecular doutrina do carlismo hispânico¹⁶.

Portugal, disse Elías de Tejada, é «la nación más antigua del Occidente», sendo, como toda nação, «el resultado actual de un secular quehacer histórico, en el cual han influido los hechos físicos o psíquicos, mas no han influido directamente, sino tamizados por lo histórico»¹⁷. Portugal é o resultado de sua tradição, é o que resulta, *inter plures*, das batalhas de Ourique¹⁸ e de Aljubarrota¹⁹, das oitavas de Camões, da linguagem ciceroniana de Jerónimo Osório, da legenda de Inês de Castro –a que, depois de morta, foi rainha²⁰–, da devoção de S. Antonio –que antes de ser de Pádua, foi de Lisboa²¹–, do milagre de Fuas Roupinho²²; Portugal é a caminhada histórica dos fatos culturais que, ao largo de muitos séculos, legando-se de pais a filhos, de gerações a gerações, modelaram a grande nação a que tanto devem as civilizações que ela própria criou²³.

15. Cfr. Estanislao CANTERO, «Francisco Elías de Tejada y la tradición española», *Anales de la Fundación Francisco Elías de Tejada* (Madrid), n. 1. (1995), p. 129.

16. Cfr. *¿Qué es el carlismo?*, edição aos cuidados de Francisco Elías de Tejada, Rafael Gamba Ciudad e Francisco Puy Muñoz, Madrid, Escelicer, 1971, *passim*.

17. FRANCISCO ELÍAS DE TEJADA, *La tradición portuguesa: Los orígenes (1140-1521)*, Madrid, Actas: Fundación Francisco Elías de Tejada, 1999, p. 22.

18. A batalha de Ourique, contra os mouros, ocorreu no Alentejo, em 25 de julho de 1139, sucedendo-a a aclamação de Dom Afonso Henriques a ser o primeiro rei de Portugal.

19. Sob o comando de Dom João I, Mestre de Aviz, e do condestável Dom Nuno Álvares Pereira, a vitória portuguesa na batalha de Aljubarrota (14-8-1385), contra os castelhanos liderados por Dom João I de Castela, solidou a independência do Reino de Portugal.

20. «Passada esta tão próspera vitória, / Tornado Afonso à Lusitana Terra, / A se lograr da paz com tanta glória / Quanta soube ganhar na dura guerra, / O caso triste e digno de memória, / Que do sepulcro os homens desenterra, / Aconteceu da mísera e mesquinha / Que depois de ser morta foi rainha» (Luís de CAMÕES, *Os lusíadas*, Canto III, estância n. 118). A esta estrofe sucede, duas adiante, uma das mais belas passagens de *Os lusíadas*: «Estavas, linda Inês, posta em sossego, / De teus anos colhendo doce fruto, / Naquele engano da alma, ledo e cego, / Que a Fortuna não deixa durar muito, / Nos saudosos campos do Mondego, / De teus fermosos olhos nunca enxuto, / Aos montes ensinando e às ervinhas / O nome que no peito escrito tinhas».

21. Cfr. FRANCISCO ELÍAS DE TEJADA, *La tradición portuguesa*, cit., pp. 39-56.

22. Conta a legenda que o guerreiro Dom Fuas Roupinho, em perseguição a um animal, foi salvo de despencar de um penhasco, em Nazaré, graças à invocação de Nossa Senhora. O fato ocorreu em 14 de setembro de 1182, e o lugar dos fatos –uma falésia com mais de cem metros de altura– hoje se denomina «Bico do Milagre».

23. FRANCISCO ELÍAS DE TEJADA, *La tradición portuguesa*, cit., p. 23.

4. Nação e tradição

A ideia de nação, disse Elías de Tejada, «debe estar subordinada a la de tradición»²⁴, da qual tradição, «la nación es un segmento», a nação é «lo pasajero»; a tradição, «lo permanente»: «La nación es una hora; la tradición, un siglo»²⁵.

Base física em que se manifesta e habitua o essencial do legado da tradição²⁶, o povo tem nisto sua natureza concreta, singular: a tradição é-lhe a *alma*, ela é forma desse povo, é ela quem permite ao povo recolher a lição dos mortos²⁷, é ela quem faz do povo a morada de muitas almas²⁸. É pela tradição que o povo se forma, se individualiza, determina-se, especializa-se, faz-se permanente; não foi a matéria, não foi o suporte físico, não foi a raça, não a geografia, não os bens econômicos, nada disto foi o que tornou Portugal, Portugal, senão que Portugal e o mundo que o português criou são a perseverança substancial de sua forma histórica, de sua afetividade, de sua cultura, de seu espírito, recebidos e retificados, geração após geração: «una sangre o un río nunca crean a un pueblo»²⁹, «no hay ninguna tradición que admita ser explicada con los meros datos físicos»³⁰:

«[...] la pertenencia de un individuo concreto a un grupo humano consiste en un fenómeno cultural, afectivo y del espíritu. No se es español o francés por una simple *ratio soli*; antes, en la medida en que nacido en suelo español o francés participa con toda su alma de la línea secular de España o de Francia, se siente una gota del gran río que poblaron Cervantes o Corneille, San Fernando o San Luis, Alfonso el Sabio o Felipe el Hermoso, Felipe II o Napoleón, Cisneros o Richelieu. El nacimiento, la raza o las montañas nada valen delante de la ilusión, que es ilación de un alma individual con la comunidad de almas en que la pertenencia a una tradición consiste»³¹.

24. FRANCISCO ELÍAS DE TEJADA, *Las Españas*, Madrid, Ambos Mundos, s.d., p. 47.

25. *Ibid.*, p. 48.

26. *Ibid.*, p. 50.

27. Para o termo «lição dos mortos», cfr. ANTERO DE FIGUEIREDO, *D. Sebastião, Rei de Portugal*, 7ª ed., Paris-Lisboa, Aillaud-Bertrand, 1925, p. 146 *et sqq.*

28. Usa esta expressão, «morada de almas», HIPÓLITO RAPOSO, in *Oferenda* (Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1950, *passim*).

29. FRANCISCO ELÍAS DE TEJADA, *Las Españas*, cit., p. 52.

30. *Ibid.*, p. 53.

31. *Ibid.*, p. 51.

5. As tradições hispânicas

Seis tradições maiores se foram particularizando na matriz comum estabelecida na Península hispânica –assim as arrola Elías de Tejada: Castela, Galícia, Euskalerría-Catalunha, Andaluzia, Aragão e Portugal³². São afluentes históricos, prossegue nosso autor, que integram a «tradición común de las Españas» e que provêm de uma «decantación espiritual dimanada de diversas causas, mas cuyo alumbramiento tiene lugar en los días del alto Medievo»³³. Especialização lenta, mas sólida, paciente, mas constante, tradição firmada nesta «herencia de Roma que se venía denominando la Cristiandad»³⁴:

«Los pueblos hispánicos se formaran paulatinamente sobre el solar herencia de Roma, ni más ni menos que en el XIX brotaron las naciones hispano-americanas sobre los solares heredados de Castilla y de Portugal [...]»³⁵.

6. Conclusão

A particularização dos povos oriundos de uma só matriz pode resultar de muitos fatores, ora raciais, ora geográficos, fatores religiosos, administrativos, culturais e até sobretudo políticos, tal se deu com Portugal (no dizer de Elías de Tejada³⁶).

A singular unidade da nação portuguesa –tida esta unidade por «a mais antiga e a mais perfeita dos povos de formação medieval»³⁷– proveio de uma pluralidade de elementos, ainda que entre eles predominara intensamente o político, porque, assim o observou Elías de Tejada, os fatores de separação das nações gestadas em uma tradição comum não são nunca exclusivos³⁸: o nascimento de Portugal como nação –seja que isto se tenha dado na batalha de São Mamede, em 1128³⁹, seja na de

32. *Ibid.*

33. *Ibid.*, p. 52.

34. *Ibid.*

35. *Ibid.*, p. 53.

36. «Unas veces la causa activa de la separación la da la raza: Turquía. Otras, la geografía: Egipto, Chile. Otras, una dinastía tejida de motivaciones religiosas; Arabia Saudita; o simplemente políticas: Portugal. Otras veces, antiguas divisiones administrativas: Colombia, Guatemala. Otras, el peso de culturas antiguas: Siria» (Francisco ELÍAS DE TEJADA, *Las Españas*, cit., p. 53).

37. Hipólito RAPOSO, *Aula régia*, Porto, Civilização, 1936, p. 88.

38. Francisco ELÍAS DE TEJADA, *Las Españas*, cit., p. 53.

39. Cfr., *brevitatis studio*, João AMEAL, *História da Europa*, tomo II, Porto, Livraria Tavares Martins, 1964, pp. 265-266.

Ourique, em 1139 (que Gonzaga de Azevedo considerou pedra angular da monarquia e da nacionalidade lusíada⁴⁰)–, mas eu dizia: o nascimento da nação portuguesa e a consagração definitiva de sua independência, esta na batalha de Aljubarrota, foram frutos, sobretudo, de motivações políticas. Todavia, de algum modo, seu nascimento e sua independência já refletiam particularidades regionais do então Condado português (ou portugalense), singularidades culturais, peculiaridades episódicas de uma história local, influxos raciais, diversidade territorial (pense-se até mesmo no plano das terras portuguesas interiores: Hipólito Raposo chega a «capitular de loucura o delírio de regular por normas iguais o trabalho e a vida coletiva do cultivador trasmontano e do pescador do Algarve»⁴¹). E esses particularismos da cultura, dos acontecimentos, da lusofonia que se ia formatando⁴² –até mesmo sob o influxo longínquo da variedade dos fatores de latinização⁴³–, foram caracterizando animicamente, de maneira paulatina, a comunidade que, em dado tempo sob a clave de uma circunstância política, se entendeu reino distinto e independente de sua fonte geradora.

A distinção portuguesa –é dizer, sua autonomia política no plexo das várias Espanhas– não foi uma ruptura com os traços fundamentais de sua geração. O caráter nacional português e o do mundo que o português criou não são fruto só, nem principalmente da raça, da língua, do solo, da religião, do *vouloir vivre collectif*, mas o resultado da *tradição* que distingue os povos, e por isto mesmo é esta tradição a fiadora dos elementos substanciais, dos atributos característicos dos *Portugais* de todo orbe: «fueron los portugueses gentes hispanas, conscientes del cumplimiento exacto de la gran misión que Dios regalara a los hombres de este último rincón de la Cristiandad»⁴⁴.

Tal o ensinou Elías de Tejada⁴⁵, a concepção católica da vida –conceito a que são essenciais o sentido de missão e o de universalidade e a ideia de monarquia federativa, orgânica, respeitosa das liberdades concretas e históricas do povo, são

40. Apud João AMEAL, *História da Europa*, cit., p. 271.

41. Hipólito RAPOSO, *Aula régia*, cit., p. 88.

42. Vidē, a propósito, *brevitatis causa*, Amini Boainain HAUY, «O Galego-Português», na obra coletiva organizada por Segismundo SPINA, *História da língua portuguesa*, Cotia, Ateliê, 2008, pp. 39 *et seq.*

43. Fatores de latinização que não convém desconsiderar no processo de caracterização dos distintos povos românicos: cfr. Bruno Fregni BASSETTO, *Elementos de filologia românica*, 2ª ed., São Paulo, Edusp, 2013, pp. 99-110; Edwin. B. WILLIAMS, *Do latim ao português*, 7ª ed., Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2001, *passim*.

44. FRANCISCO ELÍAS DE TEJADA, *Las doctrinas políticas en Portugal (Edad Media)*, apud Estanislao CANTERO, «Francisco Elías de Tejada y la tradición española», cit., p. 146.

45. Cfr. Estanislao CANTERO, «Francisco Elías de Tejada y la tradición española», cit., p. 129.

os dotes que os Portugais compartilham da tradição comum das Espanhas, e assim o versejou Camões, que «Ouvido tinha aos Fados que viria / Uma gente fortíssima de Espanha», esta gente, «Os fortes Portugueses que navegam»⁴⁶, e este povo português, um povo tão verdadeiramente português, dele cabe afirmar, seguindo em bom sentido uma alusão (talvez) um pouco ofensiva⁴⁷, que *o português foi à França e não voltou francês; mas é que foi à Espanha, e voltou português*.

46. LUÍS VAZ DE CAMÕES, *Os Lusíadas*, Canto I, estâncias nn. 31 e 32.

47. Recolhe-se em Antero de Figueiredo (que se diz «hispano de origem mas luso de carácter»): «[...] ao contrário do que fazem alguns desarraigados compatriotas ultra-basbaques ante tudo o que é estrangeiro, o autor põe brio de alto e bom som em não repetir aquela velha trova como, em seu regresso, a cantava certo franduno viajante negador de Portugal, mas, orgulhosamente, em dizer às avessas, revirando-lhe o sentido, assim desta arte: *Fui à França e não voltei francês; fui à Espanha e vim português*» (*Espanha*, 3^a.ed., Paris-Lisboa-Porto-Rio de Janeiro, Aillaud& Bertrand-Chardron-Francisco Alves, 1923, p. 55).